

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE ARTES

CURSO DE TEATRO

KÁSSIO RODRIGUES DOS SANTOS

**CAMINHOS DE UM PROFESSOR-ARTISTA EM TEATRO:
DESAFIOS, AUTOCONHECIMENTO E PRÁTICAS DE ENSINO.**

UBERLÂNDIA

2023

KÁSSIO RODRIGUES DOS SANTOS

**CAMINHOS DE UM PROFESSOR-ARTISTA EM TEATRO:
DESAFIOS, AUTOCONHECIMENTO E PRÁTICAS DE ENSINO.**

Trabalho de Conclusão de Curso para
obtenção do grau de Licenciatura em Teatro,
do Instituto de Artes da Universidade Federal
de Uberlândia.

Orientador: Prof. Dr. Henrique Bezerra de
Souza.

UBERLÂNDIA

2023

RESUMO

Este texto é o compartilhamento da minha vivência e experiência como professor-artista, focando nas práticas das disciplinas de Estágio Supervisionado III e IV do Curso de Licenciatura em Teatro da UFU, também conhecidas como oficinas COMUFU. Para tanto, parto de registros e anotações do período em que realizei as atividades, bem como de anotações de outras disciplinas realizadas ao longo do curso. Seguindo pela elaboração da aula, desde o planejamento até a execução de jogos e dinâmicas já feitas por mim, a pesquisa busca o que eu considerarei como “aula perfeita”. Em tal processo, surgem outras questões a respeito da prática docente e discente e por meio delas tento mostrar quais caminhos percorri para refletir sobre a minha carreira como professor.

Palavra-chave: docência; teatro; COMUFU; professor.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 4

COMUFU PARTE I 8

ENCONTRÃO..... 15

COMUFU PARTE II 20

CONCLUSÃO 26

REFERÊNCIAS..... 29

INTRODUÇÃO

Desde a minha infância a vontade em fazer teatro era avassaladora. A paixão pela arte me ronda desde os meus dez anos de idade, eu era uma pessoa tímida diante da situação que enfrentava. Na escola sofria *bullying* por conta da questão financeira da minha família, sendo um dos poucos alunos pobres em uma instituição particular. Além disso, fui a única pessoa preta na escola durante três anos, o que me fez ser vítima de racismo.

Foi nesse contexto que minha jornada teatral começou, e tudo mudou quando fui ao cinema pela primeira vez e assisti ao filme “Homem-Aranha”, fiquei encantado com os efeitos especiais, o drama de uma pessoa passando por uma situação de *bullying* enfrentando o “valentão” da escola, e com as reviravoltas da trama. Eu senti como se pertencesse a algum lugar. Além disso tudo, eu queria também poder saber qual era a sensação de ter uma sala inteira de cinema, ou ainda um teatro lotado de pessoas para me prestigiar. Queria saber se algum dia, algum menino poderia ter sua vida mudada porque assistiu a algum filme/peça que eu fiz parte.

No entanto, minha família nunca havia tido qualquer envolvimento com o teatro, e poucos deles compreendiam a profissão de ator. À medida que entrei no ensino médio, a pressão para fazer o vestibular/ENEM e entrar em uma universidade de prestígio, em cursos considerados mais “lucrativos” e “prestigiosos” como Engenharia, Medicina e Direito, tornou-se avassaladora. Minha família e até mesmo a equipe pedagógica da escola questionavam constantemente minha escolha de seguir a carreira teatral. Embora eu afirmasse meu sonho de estar no palco, a diretora da escola não estava convencida e chegou a me pressionar para prestar vestibular em outro curso.

Após concluir o ensino médio, ingressei em um cursinho preparatório focado em vestibulares com o objetivo de finalmente seguir minha paixão pelo teatro. Foram quatro meses de estudos intensos, durante os quais observei que a maioria dos alunos estavam seguindo um caminho considerado “sensato” por seus pais, mas que não refletia seus verdadeiros interesses. Quando eu dizia que pretendia estudar teatro, muitas vezes era alvo de zombarias e piadas, até mesmo por parte dos professores. A tentação de desistir e abandonar tudo era constante, mas com o apoio da minha mãe, persisti até o fim. E no final, tudo valeu a pena. Em 2014/2, finalmente realizei meu sonho e ingressei na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Nesta jornada, enfrentei desafios,

dúvidas e preconceitos, mas nunca deixei de acreditar em meu amor pelo teatro e na importância de seguir minha paixão.

Assim que ingressei no curso de teatro fiquei um pouco receoso, será que eu realmente sei fazer teatro? Eu sou um bom ator? Me vieram essas questões na cabeça pois na minha turma já havia pessoas com bagagens e mais experiências do que eu, e isso fez com que esses e outros pensamentos viessem à tona naquele momento. Mas houve um instante que isso mudou: na primeira aula de improvisação que tive com o professor Eduardo de Paula, e ele trouxe o livro *Improvisação para o Teatro* da autora Viola Spolin, que diz que:

Todas as pessoas são capazes de atuar no palco. Todas as pessoas são capazes de improvisar. As pessoas que desejarem são capazes de jogar e aprender a ter valor no palco. Aprendemos através da experiência, e ninguém ensina nada a ninguém. Isto é válido tanto para a criança que se movimenta inicialmente chutando o ar, engatinhando e depois andando, como para o cientista com suas equações. (SPOLIN, Viola, 1963, p. 3)

Por meio destas frases os pensamentos conflituosos se esvaíram. E cada vez mais, minha vivência dentro do teatro me mostrava que eu era capaz, que eu podia estar ali tanto quanto meu colega. Minha jornada como discente de teatro não foi nada fácil, como já disse, ocorreram algumas inseguranças no começo e - não que ainda não exista esse sentimento hoje em dia, - mas no início, acredito que era algo que realmente poderia me barrar.

Na graduação da UFU há o curso de licenciatura e o de bacharelado ou a opção de cursar os dois. Quando decidi fazer o curso, na minha cabeça a única alternativa era fazer o bacharelado, por saber que em licenciatura eu iria ter que passar por alguns estágios em escolas e ter que lidar com alunos de inúmeras idades. Esse foi um dos motivos que me fizeram questionar a docência, por medo de não conseguir passar por isso e até mesmo por não querer passar por isso.

No entanto, durante minha jornada percebi que estava me debandando para a licenciatura sem notar e isso aconteceu involuntariamente. Quando entrei para o teatro, a princípio queria apenas bacharelado, mas no 3º período a coordenação do curso disse que teríamos que escolher se fazíamos apenas o bacharel, apenas a licenciatura, ou se fazia os dois, e como eu já estava ali, decidi fazer os dois. Segui desta forma, pois notei ao longo dos anos, que a maior parte dos alunos que tive contato acabaram caminhando para a licenciatura, percebendo através das aulas, que ela poderia proporcionar uma melhor possibilidade de trabalho que o bacharel, por exemplo. E quando percebi, estava fazendo Estágio Supervisionado 1. Nessa primeira parte do estágio, nós temos contato

com alunos de escolas estaduais ou municipais da cidade de Uberlândia e quando fomos escolher a escola, eu optei pela ESEBA (Escola de Educação Básica - UFU).¹

Na área da licenciatura nos deparamos com os Estágios Supervisionados 1, 2, 3 e 4. Os Estágios 1 e 2 acontecem em escolas, e a turma que faz essas disciplinas é dividida em duplas ou trios, e dependendo do número de alunos da turma, podem ser até mesmo quartetos. Acompanhamos um professor da área do teatro com seus alunos por um semestre, observando a aula, ou até, ministrando alguns momentos do encontro na sala.

Durante o Estágio 1 a dinâmica foi diferente naquele ano, por ser uma turma com vários alunos, foi proposto pelo professor da época, Tom Menegaz, que a classe toda ao mesmo tempo iria acompanhar o professor Getúlio Góis na ESEBA. A proposta era criar um drama processo², que é uma metodologia de criação em conjunto. Onde cada um criaria um personagem com suas questões e vivências e iríamos passar para os alunos da escola, conseqüentemente criando situações de conflito e enredo entre eles.

Neste Estágio, por ser a turma toda envolvida e dando ideias, encarei meu primeiro desafio: não pude ter uma maior autonomia como professor por estar trabalhando com uma turma cheia e minhas ideias e sugestões não serem ouvidas, mas não fiquei frustrado. As aulas eram bem fluidas e se desdobravam da maneira proposta pela turma toda.

Já no Estágio 2, nós seguimos outra proposta, onde a turma era dividida em duplas e um professor acompanha cada estagiário. Desta vez fui direcionado para o professor Daniel Costa, também docente da ESEBA, porém ele dava aula de dança. Nesse momento me deparei com duas questões: estar acompanhando uma aula de dança e trabalhar com crianças de quatro a seis anos.

¹ “A Escola de Educação Básica - Eseba - é uma Unidade Especial de Ensino da Universidade Federal de Uberlândia, cuja finalidade é oferecer ensino básico ao público da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, bem como oportunizar campo preferencial para estágios práticos de alunos dos cursos de licenciaturas dessa Universidade. A Escola origina-se em 1977, antes mesmo da federalização da Universidade de Uberlândia (UnU), com a denominação de Escola Pré-Fundamental Nossa Casinha [...] Sua criação ocorreu num momento histórico, pois, além do contínuo crescimento e expansão, a UnU vivia o processo de sua federalização implicava na necessidade de ter profissionais mais qualificados em diferentes áreas de conhecimento” (ESEBA, 2023)

² O drama processo é uma abordagem do ensino de Teatro que se constitui na elaboração de uma história ficcional coletiva que pode ser dividida em capítulos ou episódios, dando assim uma sequência a esse processo de construção e fazendo com que os alunos continuem imersos na proposta. Como sintetiza Biange Cabral: “Ao fazer teatro/drama, entramos em uma situação imaginária - no contexto da ficção. A aprendizagem decorrente emerge desta situação e do fato de termos de responder a ela, realizar ações e assumir atitudes nem sempre presentes em nosso cotidiano.” (CABRAL, 2006. p 12)

Não passava pela minha cabeça ser professor de teatro e muito menos estagiar em outra área artística. Mas quando comecei a vivenciar as aulas com o professor Daniel notei que sua dinâmica era bastante semelhante com as aulas de teatro, ainda mais lidando com crianças em um momento muito único, um momento muito importante do desenvolvimento, onde estão adquirindo habilidades motoras como correr, desenhar, começar a ler e etc.

Um dos desafios que eu tive como professor, que considero como uma das experiências que me impactou e me fez ver uma potencialidade do meu trabalho, foi acompanhar uma criança com Síndrome de Down. Foi um impacto para mim naquele momento, pois era minha segunda experiência com alunos em uma escola de ensino regular e eu teria que encarar esse desafio. Eu já tinha um pouco de dificuldade de lidar com crianças, e ao ver que na turma tinha uma criança neurodivergente fiquei com receio de não conseguir incluir ela nas dinâmicas da aula. No final das contas, acredito que me saí bem, pois acabei ficando como o responsável dela dentro de sala de aula, ajudando-a não dispersar ou sair do foco do encontro e assim acabei criando um vínculo com ela e isso possibilitou que ela confiasse em mim nesse processo.

E assim chegamos ao Estágio 3, chamado de COMUFU - Comunidade e UFU em Cena. Nessa etapa, os alunos de licenciatura têm liberdade para escolher a idade com que desejam trabalhar, qual o tema ou abordagem de suas aulas. Neste estágio eu teria que dar aula e teria a orientação de um professor do curso, que na época era a professora Vilma Campos, que ficava acompanhando e analisando como a gente iria se sair, chegando a realizar algumas orientações quando necessário.

A partir desta trajetória, comecei as perguntas que movem este trabalho de conclusão de curso: Existe a aula perfeita? Como propor atividades que vivenciei como discente sendo que agora eu serei o docente que as coordena? O que vou sentir quando for dar a primeira aula sem a presença de um docente supervisor? Como falar com os alunos? Será que eu consigo elaborar um processo artístico-pedagógico que possa ser compartilhado com o público externo? Em resumo, quais caminhos seguir para me tornar um professor-artista de teatro?

Essas perguntas ficaram ecoando na minha cabeça, pois era o meu primeiro COMUFU. E sim, o anseio de querer planejar a aula perfeita reverberou por muito tempo, não apenas em mim, mas também na minha parceira Gabriella Fraga. Relendo e relembro Paulo Freire, encontrei um trecho que, no começo de minha graduação não

fazia sentido, pois não imaginei que sentiria medo ao pensar em lecionar, mas agora ele descreve muito bem meus sentimentos:

Diz-se de alguma coisa que é difícil quando enfrentá-la ou lidar com ela se faz algo penoso, quer dizer, quando apresenta obstáculo de algum nível. “Medo”, define o Dicionário Aurélio, é um “sentimento de inquietação ante a noção de um perigo real ou imaginário”. Medo de enfrentar a tempestade. Medo da solidão. Medo de não poder contornar as dificuldades para, finalmente, entender um texto. (FREIRE, 1997, p. 27)

No começo, o estágio para mim não passava de uma simples disciplina, onde eu iria dar aula, cumprir carga horária e ir embora, mas eu não imaginava que seria uma das melhores experiências que tive na vida. Passou de uma “obrigação” e virou uma paixão, era o momento mais esperado da minha semana, a ansiedade em querer dar aula tomou conta de mim e a segunda feira se transformou.

COMUFU PARTE I

O COMUFU – Comunidade e UFU em Cena é um projeto da Universidade Federal de Uberlândia criado há mais dez anos, que oferece oficinas de teatro para a comunidade. Um dos objetivos é fazer com que os alunos de teatro possam vivenciar a primeira experiência de dar uma aula, sem que tenha algum professor supervisionando a sala. Mas apesar de serem independentes, eles são sempre acompanhados pelo professor (a) da disciplina. As aulas são ofertadas de maneira presencial em diversos espaços da UFU ou em locais parceiros com a universidade, seja em ONG's, locais de teatro, lares de idosos e etc. O público engloba diversas idades - de 5 a 50+.

Em 2019/1 e 2019/2 foram os semestres letivos em que participei do COMUFU, as inscrições eram feitas de modo presencial no bloco 3M no campus Santa Mônica da UFU, e aconteciam num sábado pela manhã. A divulgação das inscrições era por meio de redes sociais dos alunos de estágio ou até mesmo de colegas de curso, familiares e amigos que ajudavam a espalhar a oficina. O tema, proposta da oficina, idade com que desejavam trabalhar, local, horário e dia da semana em que ela ocorria, eram definidos pelos alunos proponentes da matéria.

Figura 1 - Ficha de inscrição do COMUFU



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
IARTE- INSTITUTO DE ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TEATRO
FICHA DE INSCRIÇÃO COMUFU

Turma de oficina:

Nome: _____

Data de nascimento: ____/____/____

CPF: (caso o participante já possua): _____

Endereço: _____

Telefone: _____ email _____

Possui problemas de saúde: () Não () Sim, qual? _____

Para menores de 18 anos:

Nome da mãe: _____

Telefone celular da mãe: *WhatsApp* () _____ Fixo: _____

Nome do pai: _____

Telefone celular do pai: *WhatsApp* () _____ Fixo: _____

Autorizo a utilização de minhas imagens (fotográfica / audiovisual) ou das imagens do meu filho (a) ou menor de idade ao qual sou responsável, nas oficinas de teatro e apresentação final para fins de arquivo, pesquisa e divulgação do Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia, como por exemplo: inscrições das Oficinas Comufu, divulgação do Encontro etc.

 Assinatura do participante

Ou assinatura da mãe/pai/avô/avó/ou responsável

Uberlândia, ____ de _____ de 2019.

Fonte: Componente curricular do COMUFU, 2019

Durante a graduação, nós acompanhamos outros colegas/professores do COMUFU e isso foi despertando um interesse que antes eu desconhecia. Um

sentimento de ansiedade e animação, curiosidade e receio. Eu sempre acompanhava o Encontro, que é o evento no qual ocorre a partilha pública do que foi trabalhado nas turmas de COMUFU, e era incrível ver os estagiários e seus alunos super entusiasmados para esse compartilhamento. Apesar de o sentimento ser o mesmo, os motivos eram diferentes. A nossa empolgação era no lugar do professor, que tinha conduzido tudo aquilo e que estava pronto para ver como os alunos iam se sair e ver o resultado de suas propostas. E a empolgação dos alunos era pra poder sentir um pouquinho de frio na barriga, poder ser alguém que eles não eram e interpretar personagens que eles mesmos criaram.

Me deparei com muitos dos alunos que nunca tinham feito aula de teatro na vida. Mas também encontrei alunos que já tinham participado do COMUFU algumas vezes, e querendo ou não, isso interfere um pouco na aula que o professor ministra, levando em consideração que eles já conheciam a “dinâmica” do teatro.

Diante disso veio o momento de encarar de fato o COMUFU, era a hora de pôr em prática meus conhecimentos e propostas de aula. Como já havia dito, as turmas são divididas em duplas dependendo da quantidade de alunos, e minha dupla foi com a Gabriella Fraga. Somos da mesma turma, ingressamos na UFU no semestre letivo de 2014/2 e nossa sintonia foi muito boa, a maioria dos trabalhos fizemos juntos, e o estágio não foi diferente. E naquele instante estávamos prestes a encarar o mais novo personagem, que dali pra frente mudaria nossas vidas. Professores de “primeira viagem”, encarando sozinhos jovens adolescentes, ficamos focados em elaborar a aula perfeita para fazer com que os alunos tivessem a vontade e o desejo de voltar.

O que tínhamos até então eram vivências de aulas que experimentamos durante o curso ou propostas e ideias nossas. E assim, fomos conversando, discutindo e pensando na elaboração da aula, mas o nervosismo ainda pairava em nossos corpos, era quase a sensação de estar atrás da coxia, prestes a entrar em cena.

Percebi que o professor de teatro mesmo não estando em um palco, ele está prestes a entrar em cena, chego a pensar que ministrar uma aula é estar em cena. Seria como se o docente fosse o diretor da cena que é a condução da aula, já os alunos são ao mesmo tempo atores, e plateia. Tudo isso é um pouco mais, é o que caracteriza para mim, ser professor.

Eu acredito que ter a consciência de suas próprias emoções e reações diante dos desafios, causa uma maior autenticidade do processo, permitindo que o professor possa se adaptar de maneira flexível às necessidades dos alunos. Optamos por trabalhar com

jovens de dezessete a vinte e três anos. Escolhemos essa idade porque havia certa “intimidade”, pensando na proximidade etária entre professor-aluno. Nossa oficina era ofertada na segunda-feira à tarde no horário de 14 horas às 17 horas na sala LAC (Laboratório de Ações Corporais) no bloco 3M na UFU.

No momento das inscrições do COMUFU, já fomos observando os alunos e fazendo as seguintes perguntas: Você já participou de algum COMUFU? Você chegou até nós por indicação de algum familiar ou amigo? Ou se eles tinham ido por curiosidade, vontade de fazer teatro, dentre outras coisas. Daí pudemos ter alguma ideia do nosso público e então começar a pensar na aula, decorar o rosto dos futuros alunos e começar a criar certo vínculo pré-aula.

Marquei com minha parceira de estágio um dia para discutirmos sobre possíveis propostas para nossa primeira aula e nesse momento foram surgindo várias ideias, porém não era possível fazer tudo isso em apenas um encontro. Então pensamos em elaborar uma aula com jogos da Viola Spolin, jogos praticados por nós mesmos em algum momento da graduação. Como por exemplo, o jogo do espelho, em que eles se dividem em duplas e tudo que o personagem A faz, o B terá de fazer junto, remetendo a um espelho mesmo. Esse jogo foi bem interessante, pois dava pra notar que no começo eles levavam como uma brincadeira, mas depois ia ficando mais sério e junto com a seriedade, eles iam aprimorando as técnicas para uma boa execução do exercício.

As ideias que tínhamos que não caberiam no primeiro encontro, por questão de tempo ou por perceber que não se encaixavam naquele momento, a gente usaria nas aulas seguintes, mas claro que uma dinâmica ou outra poderia se repetir durante o processo. Inconscientemente, nós já tínhamos uma ideia de qual caminho seguir, pensamos na possibilidade de fazer algo cômico. Não sabíamos onde isso ia dar, mas mesmo assim, pensamos em atividades que pudessem despertar esse caminho nos alunos, que pudessem guiá-los para esse caminho.

Por ser uma dupla de professores, não queríamos que a aula fosse dividida em momentos que um ou outro iria conduzir, então optamos por uma condução em dupla, quer dizer, a gente falava a dinâmica/explicava o jogo, caso algum aluno não entendesse ou ficasse com dúvida, o outro tentaria explicar de outra maneira, e vice e versa. Não tinha bem uma sequência de quem começava falando, nós apenas sentíamos o momento, nos olhávamos e dava início. Inclusive, acredito que pela sintonia que eu e minha dupla tínhamos, bastava a gente se olhar para saber o que fazer logo em seguida.

Quando chegou o dia da primeira aula, tudo que tínhamos conversado antes, todas as perguntas e as imagens dos alunos sumiram da minha cabeça, instaurou-se em mim uma ansiedade. Será que eles virão mesmo para a aula? Espero eles na frente do bloco ou fico dentro da sala e coloco uma música para ficar mais descontraído? Senti como se estivesse indo para um “primeiro encontro”, o que de fato era um primeiro encontro de um professor com seu aluno.

Porém, assim que começamos a aula, tudo fez sentido, tudo foi fluindo e caminhando de acordo com o que estava planejado, os alunos foram seguindo a proposta e o diálogo entre nós foi bem tranquilo. Queríamos falar com eles de igual para igual, sem criar uma barreira e sem deixar que pensassem que éramos autoridades e que o que falávamos era aquilo e ponto. O que nós queríamos, foi pensado para criar uma aula onde todos se respeitassem e que fosse um ambiente acolhedor, uma aula em que professor pudesse se adaptar com as gírias e até memes que apareciam nas conversas durante a aula. Claro que não seria de uma forma que saísse do meu controle, pois deixamos bem claro que apesar de não adotar uma postura rígida e autoritária, a palavra e o respeito pelo professor iriam prevalecer.

No momento em que sentamos para o planejamento da aula pensamos da seguinte forma: o que trazer de experiências vivenciadas por nós para a sala de aula? Começamos a revisar os planos de aulas da nossa graduação, especialmente na disciplina de Improvisação 1 com o professor Eduardo de Paula. Ele costumava organizar a turma em duplas toda semana e criar protocolos da aula anterior, ajudando os alunos ausentes a saberem o que aconteceu. Isso também ajudava os alunos presentes a lembrarem do que foi ensinado na última aula.

No final pensamos em fazer uma roda de compartilhamento, que seria onde os alunos iriam dizer o que sentiram, do que mais gostaram ou o que não gostaram. Esse *feedback* era importante para conseguirmos analisar como estávamos nos saindo, o que poderíamos melhorar e o que já estava dando certo. Estávamos de coração aberto para ouvir os pontos negativos, para assim podermos notar o que não estava sendo produtivo e modificar. Em uma troca de experiências com a minha dupla, ela disse que uma das coisas mais importantes para ela naquele momento, e agora também, é a escuta que o professor tem com seu aluno, poder ouvir o que aquele aluno tem pra falar e também poder saber que seu professor está ali te ouvindo.

Claro que essa escuta não é para esquecer tudo que planejei, mas estar atento às necessidades e devolutivas dos alunos para poder dialogar melhor com eles. Isso me lembrou um trecho do que o professor Henrique já apontou:

Considero que o docente que se anula frente ao saber dos educandos realiza equívoco de proporção semelhante ao que dirime o potencial autoral destes sujeitos: torna-se excessivamente licencioso por não crer no potencial de reflexão e no questionamento de seus semelhantes, permitindo-lhes apenas repetir o que já sabiam. Assim, a reflexão aqui engendrada não se resume exclusivamente a escutar os saberes do outro. Como professor escuto porque ensino, e ensino porque escuto – meu ato docente não se resume a uma relação fraternal que o discurso romantizado pode evocar. (BEZERRA DE SOUZA, 2021, p. 48)

Ao fim da aula, quando todos foram embora fechamos a porta da sala para nos reunirmos e falarmos sobre a aula. Nesta hora, era nítido que ficamos bastante empolgados, o sorriso, a energia e o entusiasmo eram os mesmos. No dia em que fomos para o momento de compartilhamento na aula de Estágio com a orientadora e os outros estagiários, a vontade de falar sobre nossa aula era enorme, queria externalizar para meus companheiros de turma o que foi aquele momento e o que estava sentindo. É claro que também estava curioso para saber o compartilhamento dos outros e poder trocar ideias, pedir sugestões e propostas de outras aulas, e assim poder ver o que funcionava e o que não funcionava.

Não dava para saber se a aula perfeita existia a partir do primeiro contato, pois em cada aula podem surgir novos desafios e inquietações diferentes, mas naquele momento por apenas ter vivido uma primeira experiência de professor, poder elaborar algo pensado por mim e ter tido um resultado que considerei positivo, eu diria que sim, existe a aula perfeita. Mas o que é essa aula perfeita? Seria aquela em que os alunos vão e entram na proposta? Ou aquela em que não há nenhuma interferência externa que impossibilita a aula de acontecer? Como estava apenas dando o primeiro passo para meu autoconhecimento e práticas de ensino, essa resposta viria futuramente.

Com isso conseguimos organizar a dinâmica das aulas dessa forma: optamos por toda aula ter um ponto de partida, que seria recepcionar os alunos na porta da sala com uma música tocando, pedindo para retirar os sapatos quando entrassem e irem para qualquer espaço da sala sentar e relaxar. Era uma turma de vinte alunos mais ou menos, e quando sentimos que havia uma quantidade boa de pessoas na sala ou cerca de 70% da turma, a gente dava início às atividades. A oficina começava com andamentos de 1 a 10, que sempre quando dito um número eles tinham que fazer o que era pedido: 1 - parar; 2

- saltar; 3 - rolar no chão; 4 - cumprimentar alguma pessoa; 5 - agachar; 6 - pular em um pé só; 7- gritar; 8 - bater palmas; 9 - começar a dar gargalhadas; 10 - andar em duplas.

Assim que fazíamos esses andamentos, na intenção de fazer com que os alunos comessem a sentir que estavam de corpos e almas presentes em sala de aula, a gente dava início a outro tipo de andamento de 1 a 10, mas dessa vez eram andamentos para trabalhar com eles as possíveis velocidades de andamentos: 1 - parado; 2 - começar a querer se mover, dando início a um movimento; 3 - *slow motion*; 4 - um caminhar devagar; 5 - um caminhar no dia a dia; 6 - andar apressado; 7 - trotar; 8 - quase uma corrida; 9 - correr; 10 - correr o mais rápido possível. Esses eram os pontos de partida das aulas e com essas duas maneiras de aquecimento, nós queríamos que os alunos se sentissem mais tranquilos para entrar em um estado de jogo, prontos para entrar em cena e esquecer a rotina do dia a dia que eles viviam.

Na semana seguinte veio a segunda aula e a empolgação continuava, porém com um pouco mais de questionamentos: os alunos voltariam? Gostaram mesmo da aula? Quando vi eles chegando para a aula foi um estado de êxtase, eles realmente voltaram. A partir desse momento pude ver que as aulas iriam acontecer e o que estava planejado iria se desenvolver.

Para um estudante em processo de autoconhecimento, tudo que se desenrola em uma proposta de aula é marcante, poder elaborar uma aula e pôr em prática aquilo que pensou é gratificante, mas é claro que às vezes nem tudo que se pensa ocorre da maneira esperada. Alguma condução ou proposta pode não ir da maneira que se espera, podendo ir para caminhos em que nós professores não poderíamos imaginar ou a condução e a proposta caminharam exatamente como o esperado, mas o resultado não foi o “planejado”, de qualquer maneira estamos sujeitos a diversas situações. Mesmo tendo plena consciência disso, a gente acaba ficando meio frustrado e desanimado, porque o professor está ali, encarando a imprevisibilidade do processo.

Um dos momentos que me marcou muito e me deixou um questionamento, aconteceu quando estávamos no processo de uma dinâmica que nós mesmos adaptamos para o que a gente queria. Batizamos como Jogo da Passarela, onde montamos uma passarela no meio da sala e pedimos que eles desfilassem/andassem de acordo com algum sentimento específico levando em consideração que havia uma música de fundo que tivesse sintonia com o momento, fosse tristeza, alegria, raiva, frustração, paixão... Quase como se fosse uma ação melodramática. Então ao ver os alunos tentando entrar no jogo, eu senti a vontade de participar, às vezes para dar um impulso ou às vezes para

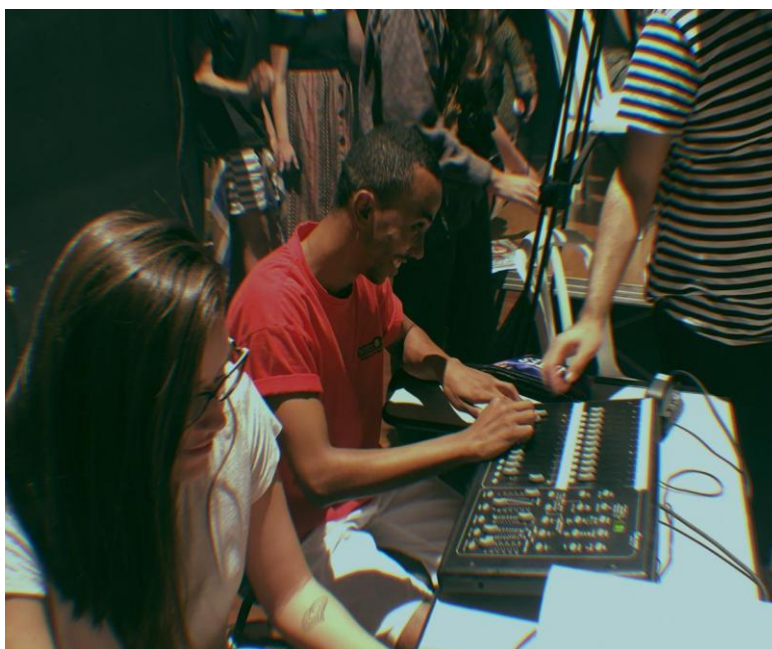
dar o exemplo de criação. Dependendo de como o caminho da improvisação ia tomando, eu como professor queria entrar e agregar, pois notava que poderia vir algo interessante e que eu poderia dar um acréscimo. E de acordo com Vicente,

A instrução é um dos princípios fundamentais do Jogo Teatral. É através desse instrumento que o coordenador participa ativamente do jogo, uma vez que entre ele e os jogadores está estabelecida e autorizada a possibilidade de intervenção na cena que se improvisa. Assim, evidencia-se o papel ativo desenvolvido pelo coordenador/professor, uma vez que ele é parceiro externo da cena, com a função de retomar o foco do jogo sempre que ele for subjugado. A clareza das instruções e o tipo de desafio que ela mobiliza age no campo da criação e também da formação dos jogadores atuantes. (CONCILIO, 2010, p. 1)

No final das contas, entendi que eu poderia conduzir a dinâmica para fazer com que ela seguisse do jeito que pensava, apenas com a instrução, sendo ela dada no momento necessário, como uma intervenção ou como um incentivo para fazer eles continuarem e entenderem que estavam no caminho certo. Mas em muitos momentos isso não aconteceu, às vezes por querer ver onde aquilo ia dar, qual seria o resultado. Em alguns momentos também preferi não interferir para não tirar a autonomia criativa do aluno. Mas percebi também, que uma intervenção equilibrada, pode agregar no contexto da cena. E caso ocorresse algo que destoasse da cena eu intervia e traria o foco para o objetivo da cena, retomando o processo.

ENCONTRÃO

Figura 2 – Encontrão 2019/2 – Kássio e Gabriella operando a luz



Fonte: Acervo Pessoal

Até o momento de o Encontro acontecer de fato, pode-se dizer que é um processo de várias etapas. Durante o semestre, a turma de Estágio Supervisionado se reúne nas aulas para poder elaborar a produção desse evento. Pensando em conjunto tudo que será necessário para a execução das ideias das cenas.

Nesse momento é onde podemos ir acompanhando como está o processo de construção dos outros estagiários, quais as necessidades e demandas de cada um, para assim, irmos pensando em questões de logísticas e espacialidades. Dependendo da turma as apresentações podem ser em áreas externas do bloco 3M, e quando é assim, o estagiário, junto a sua turma, pensa como pode ser feita a cena, estuda o espaço escolhido para poder ver se há como ser realizada, caso não dê, escolhe outro espaço de apresentação. No entanto, também surgem alguns empecilhos de salas indisponíveis em determinados horários, muitas vezes pode ser que tenha duas oficinas optando pelo mesmo horário e a mesma sala e quando isso acontece os professores estagiários conversam com sua turma e entram em comum acordo para ceder o local, podendo haver um remanejamento.

Geralmente, o dia do Encontro acontece em um sábado, que tem início logo pela manhã e se estende ao período da tarde, podendo ter até apresentações de oficinas à noite. Durante todo esse dia é comum que tenha um lanche solidário, onde todas as oficinas de estágio se dividem e fazem um compartilhamento de alimentos.

Falando sobre produção, no caso do compartilhamento da minha oficina, foi uma parte que foi de certo modo um pouco difícil para mim. Durante a graduação participei de alguns processos de produções teatrais, no entanto sempre em um número grande de pessoas, que eram demandas específicas e assim cada um fazia sua parte. Mas no momento do Encontro eu me vi apenas com minha parceira, estávamos em dupla, e agora eram todas as demandas para nós, porque afinal de contas, era nossa oficina e nosso processo de criação.

Devido a isso, me vi em um cargo de produtor, onde para ter o compartilhamento do meu processo no COMUFU, dependia de mim para fazer acontecer, então fui atrás do que era necessário para realização do mesmo.

Quando estamos à frente da organização do COMUFU queremos que tudo saia bem e seja bem executado, pois é um grande evento para o curso de teatro, onde simultaneamente acontece a semana de encerramento do semestre letivo. Essa semana é quando as disciplinas da graduação realizam os compartilhamentos de seus resultados.

Enfim chegou o momento de mostrar o resultado de uma criação minha. E poder viver isso foi bem bacana, foi um processo incrível de aprendizagem, formação, construção e evolução individual. Assistindo a outros compartilhamentos anteriores ao meu, fiquei deslumbrado ao ver as cenas que foram criadas, e pelo menos na minha cabeça eu pensava em como seria na minha vez, o que poderia surgir e como seria a apresentação.

Na oficina ofertada por mim, a proposta era trabalhar com jogos improvisacionais para a criação de cena, e a partir da criação de cenas, iria se originar o desfecho da oficina. Olhando o processo e observando o caminho que a turma ia seguindo chegamos de, certo modo, às cenas “clichês” de programa de televisão. Como chegamos a isso?

Durante as aulas e os jogos, os alunos traziam para as cenas o que tinham de repertório, que era o que tinham de contato sobre teatro ou programas televisivos. No dicionário o clichê se define como algo que foi repetido inúmeras vezes, algo banalizado, estereotipado (DICIO, 2023). Algo tão previsível que não é mais original. Acrescenta Leonor Areal: “O clichê sofre de uma dupla faceta: por ser conhecido, beneficia — tanto o espectador como os fazedores — do prazer do reconhecimento; por ser banal, gasta-se e a certo ponto aproxima-se da sua exaustão e provoca a rejeição (passando pelo riso).” (AREAL, 2011, p.143)

Assim foram criadas três cenas: a primeira, uma novela mexicana, onde trazia a atuação bastante melodramática; a segunda cena era um plantão de jornal, onde durante a novela mexicana haveria uma interrupção e entraria o jornal, que falaria de uma reportagem sensacionalista ou uma *fake news* (durante o COMUFU era o primeiro ano do mandato do governo Bolsonaro, assim as *fake news* eram voltadas ao mandato, mas mesmo sem dizer os nomes, dava para entender de quem se falava); a cena três era um programa chamado “Casos de Família”, que era voltado para discussões familiares por motivos inusitados e muita das vezes sem nexos.

Figura 3 – Aquecimento dos alunos no dia do Encontro



Fonte: Acervo Pessoal

Não esperava que essas cenas fossem surgir, e muito menos que seriam essas as cenas finais, a ideia surgiu a partir da proposta da aula em que fazíamos uma pergunta disparadora específica: o que é clichê? Daí com as respostas pude ter uma noção do que significava o clichê para meus alunos, e ter uma noção da bagagem ou referências de clichês que eles tinham, e fiquei um tanto quanto surpreso. A ideia do que era clichê para eles não eram teatrais, e sim referências televisivas. As cenas criadas por eles não estavam muito bem estruturadas em questão de cronologia e definição de espaço, ainda não havíamos decidido qual seria a primeira, segunda e terceira cena, mas mesmo assim começamos o processo de direção.

Chegamos à cena da novela mexicana porque, para alguns da turma o que eles entendiam como clichê era baseado em suas experiências de televisão ou familiares. Para muitos ali, a característica principal da novela mexicana era a atuação mais exagerada, podendo criar personagens expansivos ou até melancólicos. Para essa cena fomos a fundo pesquisar sobre novelas, assistir alguns fragmentos, buscar sobre cenários, indumentárias, formas de linguagens, pesquisar um pouco mais sobre corporeidade, triangulação, e até mesmo estudar um pouco mais sobre o melodrama.

Com isso, fomos trazendo assuntos que afetavam os alunos para ajudar na criação. A novela se passava em uma cidade fictícia interiorana criada pela turma, baseada em um romance proibido, em que o casal principal era de famílias rivais e por

não poderem se relacionar, se encontravam escondido. Até que algum familiar se deparou com os dois se relacionando e contou para todos da família, com isso começou uma enorme briga e o casal foi separado, a mulher foi estudar na Europa, e o jovem rapaz acabou sendo mandado pelos pais para a capital para terminar os estudos. Não houve um desenvolvimento final nessa cena, pois se tratava apenas de um capítulo da novela, o intuito era deixar o público querendo saber o desfecho.

Figura 4 – Apresentação da Cena “Novela Mexicana”



Fonte: Acervo Pessoal

A cena do plantão do jornal veio a partir de uma ideia de uma memória de um aluno, que para ele era um momento marcante, quando ocorria alguma coisa que era bastante extraordinário e interrompia toda a programação televisiva para a reportagem. Um exemplo, é o Plantão da TV Globo. Não era apenas uma interrupção, era algo importante e impactante para o mundo. Então buscamos as notícias que mais afetaram eles, para poder fazer parte da proposta, partindo para uma perspectiva sensacionalista.

Essa cena entraria durante a novela mexicana, para dar uma quebra na história melodramática. O que diferenciava uma cena da outra, era um *blackout* ao som da vinheta do plantão, uma mesa e dois atores de terno, ao fim das notícias retirava-se a mesa e voltava para novela com os atores continuando a cena onde haviam parado.

Ao fim da novela viria o “Casos de Família”, que foi pensado para seguir o padrão do programa real, que era um ápice de interpretação e gerador de improvisação, uma cena que poderia trazer qualquer assunto e tratar de maneira debochada ou caricata.

A cena era sobre um homem que traiu sua mulher com a irmã dela. Com isso, a família toda estaria no programa para gerar conteúdo. No final de toda a confusão, chegava a acontecer uma briga física e os seguranças entravam e interviam e assim acabaria o compartilhamento do espetáculo resultado da nossa oficina.

Ao pensar que tive o primeiro contato com algo que pra mim, era muito novo e inóspito, me tirou completamente da minha zona de conforto. Trabalhar no Encontro, planejar aulas, pensar não só em mim, mas nos alunos também, como tal coisa pode reverberar neles, ou como eles vão lidar com tal situação, no começo pode ser um tiro no escuro, mas com o passar do tempo fez nascer em mim uma confiança, que aqui vou chamar de autoconfiança de professor. Tudo isso foi surpreendente, e a pergunta que estava na minha cabeça foi respondida. Sim, eu consigo construir um processo e até mesmo um resultado artístico pedagógico interessante ao ponto de compartilhar com o público.

Para mim o termo ENCONTRÃO significa o que vem a me encontrar, e o que encontrei nessa primeira experiência foram: pessoas, professores, alunos, ideias, resultados, palco, conexões, intimidade, aprendizado, construção, conhecimento, criação, intensidade, comprometimento. E o que esperava para uma segunda prática era que fosse e isso e muito mais, pois tudo pode mudar e se transformar.

COMUFU PARTE II

Uma outra jornada, um novo desafio, novas expectativas e experiências. No segundo COMUFU continuei com minha parceria Gabriella Fraga, optamos por permanecer juntos, pois a primeira vez havia dado certo, nossas ideias eram compatíveis e queríamos testar algo que não conseguimos fazer na primeira oficina, e até mesmo repetir algo que fizemos e ver se daria certo com pessoas diferentes. De certa maneira, essa segunda vez era a oportunidade de sair da zona de conforto que criamos na primeira experiência, a zona na qual tínhamos medo de testar jogos ou abordagens diferentes.

A segunda oficina aconteceu na sala LAC no horário das 14 horas às 17 horas, era a mesma sala, mesmo horário, no entanto idades diferentes. Decidimos trabalhar

com pessoas de 14 a 18 anos, uma turma menor com 15 alunos inscritos, alguns alunos eram da primeira turma que fizemos o COMUFU, e ver rostos conhecidos foi bom, sinal de que gostaram do trabalho e queriam estar novamente conosco, e ter alguém que conhecia nossa dinâmica seria positivo, assim agregaria mais e ajudaria os mais novos alunos na proposta.

Nesta oficina eu e Gabriella pensamos em não ir com uma ideia pronta de trabalho, o que queríamos era ir com os jogos de aquecimento de 1 a 10, que fizemos na outra oficina e deu certo, e as perguntas disparadoras que fazíamos: Por que estão aqui? O que te trouxe aqui? Qual a primeira coisa que fez hoje quando saiu da cama? Algo te irritou ou magoou hoje? O que te faz feliz? O que faz para se divertir? Sua comida preferida?

Seguindo com as perguntas disparadoras com os alunos, dessa vez surgindo respostas de modo que os próprios alunos fossem se questionando, por exemplo, quando eram questionados sobre o que tinha irritado eles no dia, as respostas vinham com cunho mais sério e militante e até mesmo um sentimento de indignação. Fomos percebendo então que a turma toda estava indo para um caminho de autoconhecimento, de se descobrir e querer externalizar suas aflições, angústias, frustrações, pensamentos, ideias e sentimentos. Entendi que os alunos queriam ser ouvidos, e naquele momento da oficina foi a oportunidade de falar que encontraram, até porque nós havíamos dado essa liberdade para eles.

Com isso, da forma que ia se seguindo, fomos percebendo a seriedade em alguns assuntos, e isso nos trouxe para o chão. A gente tinha que levar aquilo a sério, pois estávamos falando de coisas mais sérias, estávamos mexendo em algumas gavetas até um pouco mais profundas dos alunos.

Assim, enquanto ouvíamos os alunos, reparamos que surgiam respostas semelhantes, e por meio disso pensamos em criar cenas com o que havia em comum. Se algo irritava uma, duas ou mais pessoas, a gente pedia para que eles fizessem uma improvisação sobre o dia a dia, e durante a improvisação o tema que os irritavam deveria aparecer, o que vimos eram cenas impactantes e inesperadas.

No momento fiquei reflexivo com o que surgia, haviam assuntos que não estavam no meu lugar de fala. Enquanto homem, não consigo falar sobre machismo ou agressão a mulher sob uma visão/abordagem feminina, e o que trago é minha perspectiva enquanto homem aprendendo com as mulheres que me rodeavam, tanto minha parceira quanto as alunas. Durante a conversa pude aprender como, onde, e de

que maneira o machismo e agressão verbal e não verbal acontecem, dessa forma consegui absorver e ter um pouco mais de clareza em relação ao que elas passam, e assim crescer como pessoa e como homem.

O que será que fizeram os alunos trazerem esses temas? Os temas abordados pelos alunos foram: agressão contra a mulher e o feminicídio, a fome no Brasil, o *bullying* e o corpo feminino. O que fiz foi trazer a discussão para a turma toda, sentar com eles e perguntar para poder saber o que estava acontecendo, e entendê-los. O que ouvi era: estamos cansados de ver o que acontece e não conseguir falar. Que eles estavam cansados de não ter um espaço para falar sobre alguma coisa, e se falavam, tinham medo de serem julgados ou sofrer repreensão em casa ou na escola.

Em uma turma, com a maioria sendo mulheres e eu um professor homem, senti que era um momento de escuta, agora da minha parte. Após conversarmos e escutá-los, me reuni com a Gabriella Fraga. O que conversamos foi totalmente sobre o desenrolar do processo, chegamos a um momento importante e nós tínhamos que saber como seguir dali pra frente. Tendo o cuidado e carinho para lidar com situações um pouco mais delicadas.

Nós chegamos a conclusão de que aquele seria nosso tema: “Coisas vividas diariamente e coisas que precisam ser faladas”. Nós entendíamos a gravidade do tema e estávamos dispostos a ajudar os alunos no que fosse preciso, de figurino e cenário a uma conversa apenas como desabafo e conselhos. Aquilo me agregou muito, pois senti que poderia ajudar aqueles jovens.

Com isso damos início ao processo de criação. Como pôr em prática o que os alunos me disseram? Demos início às aulas com os andamentos de 1 a 10 como de costume, pois a intenção era fazer com que os alunos entrassem em estado de jogo, e logo em seguida levamos para a sala de aula notícias e reportagens sobre o que achávamos da temática apresentada por eles, de modo que eles pudessem começar a internalizar e sentir por meio de imagens e palavras o que os incomodavam/traziam inquietações. A intenção era fazer com que sentissem e que levassem para o corpo, através de sons, palavras, gestos, ações, partituras sob o tema/notícia do que foi apresentado. O que queríamos era poder entender e compreender de que forma afetaria, qual seria a reação que iam nos mostrar como aquilo iria afetar eles e assim conseguir moldar cenas. Era uma turma muito empolgada para falar, eles eram muito dedicados, mas apesar de tudo, notamos que as movimentações e expressões pareciam estar internalizadas, eles tinham um pouco de dificuldade de colocar para fora e nosso papel

naquele momento era ajudar a externalizar o que estava sendo preso e guardado. Então em alguns momentos específicos eu e a Gabriella combinamos de um dos dois seguir dando os comandos e o outro entrar no exercício e fazer de corpo, alma e sentimento. Participar ativamente da dinâmica até mesmo para mostrar pra eles que nós também sentíamos indignação com alguns dos temas abordados. Nesse momento eu senti a necessidade de intervir e estar em cena com os alunos, não como professor-artista, mas sim como quem também está aprendendo.

Mas por que levar reportagens e notícias? Porque durante uma conversa que tivemos, eles apresentaram que o maior meio de contato com as notícias que tinham, era pela televisão, revistas e principalmente pelas redes sociais. Fomos absorvendo todo tipo de informação que eles davam pra gente.

No processo fomos notando que estava caminhando para a linha da performance. No início foi meio difícil para mim, pois nunca tive tanto contato assim com a performance, mas estudando melhor, vi que cabia ali e que seria uma ótima escolha. Começamos a mostrar o que era performance, pesquisadores, vídeos e vários outros meios para que entendessem do tema e pudessem criar a partir disso. Superficialmente falando, a performance é uma forma de arte que mistura teatro, dança, música e artes visuais.

Mas por que usar da performance para criação de cenas para um processo final? Acredito que o que era apresentado pelos alunos não caberia em um processo de cena linear com início, meio e fim, e sim, para algo performativo porque eram vivências deles, e como o andamento da oficina estava debandando para um caminho de expressar seus sentimentos, medos e inquietações foi o caminho viável.

A estrutura foi dividida por fragmentos, não seria apresentações uma após a outra, o que pensamos foi em colocá-las em momentos entre cenas das outras turmas de todas as oficinas que seriam apresentadas no dia do Encontro, desta forma nosso compartilhamento final seria dividido, assim que acabasse alguma cena, o público seria direcionado para algum lugar do bloco 3M: sendo o saguão do bloco, a sala LAC ou a parte externa.

Como iria acontecer o compartilhamento das performances em lugares distintos? Os temas abordados foram fome, agressão e assédio. O que fizemos foi procurar lugares e formas de demonstrar algo mais subjetivo, sem deixar totalmente explícito do que se falava.

A performance na sala LAC foi conduzida ao som da banda “Francisco el Hombre” com a música “Triste, Louca ou Má”, na qual duas alunas se vestiam e passavam a maquiagem que queriam, sem precisar da liberação/aprovação do homem. A segunda performance acontecia no saguão do bloco 3M, feita por dois homens, onde um estava sentado e comendo em uma mesa muito farta de comida e o outro no chão pedindo comida, e o que restava para o que estava no chão era apenas comer as migalhas e restos que caíam. A terceira cena era de uma menina com roupas brancas, do lado de fora do bloco 3M, tintas espalhadas ao seu redor, e ela falava sobre o corpo feminino, assim o público passaria tinta em seu corpo e/ou escreviam o que queriam no corpo dela, como uma palavra de afeto ou uma palavra de apoio. A quarta, era a cena de violência contra mulher/feminicídio onde quatro alunas sentavam em cadeiras pretas, no saguão do bloco 3M, e em cima de suas cabeças, coladas na parede, tinham imagens de flores pintadas a mão, em que cada mulher e cada flor representava uma fase de um relacionamento abusivo em diferentes estados. 1 - muito bem cuidada, que seria o início; 2 - flores murchas que seria o começo de um abuso psicológico; 3 - flores com algumas pétalas caídas, que representava o abuso verbal. 4 - aí já seguia para agressão física. 5 - nenhuma vida nas flores, que representava a morte daquela mulher.

Figura 5 – Cena da “gula/fome” - ao fundo, flores usadas na cena das mulheres



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 6 – Performance sobre o corpo feminino



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 7 – Performance da agressão a mulher/feminicídio



Fonte: Acervo Pessoal

Minha segunda experiência de COMUFU foi totalmente distinta em relação à primeira, não apenas por ser uma turma de idades diferentes, mas a construção da prática exercida. A nossa condução e abordagem foi diferente propositalmente para

podermos nos desafiar e testar novas condutas, isso acarretou em um processo totalmente inovador. Queríamos sim uma conduta distinta da que havíamos tomado, porém não esperávamos a proporção que iria tomar.

A princípio a ideia desta segunda oficina era fazer algo novo, onde iríamos testar novas abordagens, e posso dizer que o objetivo foi concluído, nos desafiamos e criamos algo que não fazíamos noção que poderia reverberar tão forte em nossos alunos e em nós mesmos. Trouxemos algo íntimo e simbólico, com isso vieram histórias que precisam de uma urgência para ser contada, e o que fizemos foi apenas moldar o que os alunos tinham necessidade de falar, os adolescentes que antes tinham dificuldade de dizer, agora puderam ter um espaço para serem ouvidos e assistidos. Me despedi daquela oficina com a sensação de dever cumprido, não a de cumprir a carga horária da matéria que estava na grade curricular, mas sim de cumprir um dever com a comunidade e com meus alunos.

CONCLUSÃO

Contar e puxar memórias para este trabalho de conclusão de curso foi me lembrando um ótimo período que vivenciei na graduação no curso de Teatro, foi bem nostálgico, pois procurei o que mais me marcou, o que chamou mais a minha atenção, usei de métodos que achava interessante e proveitoso, e no geral foi uma busca muito importante enquanto processo de formação para um professor, enquanto me descobrir como professor de teatro.

Olhando para as duas oficinas que ministrei, os caminhos e os resultados são distintos, mas a base de aula é a mesma. A primeira comecei com medo, medo do que poderia vir a surgir e não conseguir solucionar, era o medo do novo. Na segunda quis uma proposta diferente, queria sentir o que a turma ia me proporcionar e observar onde poderia chegar, o medo estava presente, mas não tanto quanto na primeira vez.

No início eu não entendia de onde vinha esse medo, mas ao olhar para trás percebi que tinha medo de encontrar algum aluno como eu, que questionava tudo, que não se contentava com poucas respostas, um aluno que buscava entender o porquê das coisas. Mas agora entendo que esse é o tipo de aluno que quero encontrar por aí, na vida acadêmica, aquele aluno que se desafia, pois eu como professor, estou sempre disposto a me desafiar, mesmo que seja com medo e receio, eu vou.

Ao fim da última apresentação no Encontrão eu não sentia mais medo em dar aulas, ele sumiu. Acredito que essa sensação foi embora, pois joguei fora algumas coisas que considerava imutáveis. Pessoas erram e acertam, são aplaudidas e vaiadas, nem tudo sai da maneira que esperamos, as expectativas podem ser alcançadas ou não e podem até te surpreender positivamente. Por estar em um curso de teatro o pensar do outro tinha muito significado para mim, o que o outro vai achar e pensar de você pode ser angustiante e em certos momentos pode te barrar de criar algo. Pensar que outra pessoa poderia estar te avaliando como professor, e ser julgado eram coisas que eu considerava de extrema importância, às vezes sendo até mais importante que algum trabalho, algum resultado. No fim acabei pensando nos meus alunos, eles não tinham medo e por causa deles eu também não tinha mais.

Acredito que ser professor é uma tarefa árdua e difícil, sendo professor-artista nesse texto passei por: professor, produtor, diretor, conselheiro, amigo, participante/jogador. Penso que quando trabalhamos na área de artes não existe apenas uma função, nos desdobramos em mil e uma personalidades para que aconteça um resultado/criação cênica. Como lembra Miguel Arroyo ao refletir sobre os diversos papéis do professor:

Tentamos superar uma herança social, vocacional, historicamente colada a nosso ofício: a imagem do mestre divino, evangélico, salvador, tão repetida como uma imagem em discursos não tão distantes. Discursos esquecidos, talvez, mas traços culturais ainda tão presentes. O ofício de mestre faz parte de um imaginário onde se cruzam traços sociais afetivos, religiosos, culturais, ainda que secularizados. A identidade de trabalhadores e de profissionais não consegue apagar esses traços de uma imagem social, construída historicamente. Onde todos esses fios se entrecruzam. Tudo isso sou. Resultei de tudo. (ARROYO. 2002, p. 33)

Olhando de fora as pessoas pensam que é impossível conciliar tudo isso, mas participar dessas oficinas me fez entender que tudo que fazemos com amor e dedicação funcionam. Estamos sujeitos a inúmeras provocações, repletos de mentes pensantes que estão na forma mais pura ou em processo de crescimento.

Desafios e autoconhecimento penso que vai existir sempre, nada é igual, mudamos e nos adaptamos, um exemplo próximo posso dizer é a pandemia em que tivemos que reinventar novos meios de dar aulas e fazer teatro. O professor se transforma com o passar dos anos, assim como a arte.

Hoje sinto falta de dar aula, era divertido, poder ver os alunos entusiasmados com as proposições e notar que estavam gostando, vê-los querendo continuar o

exercício e pedir pra repetir era bem prazeroso. Acabou que criamos vínculos, e virei amigos de uns, e às vezes os encontro nas ruas e eles comentam o tanto que gostavam das aulas e que sentem falta. Inclusive, duas alunas que participaram do COMUFU, na minha oficina, hoje fazem graduação em Teatro pela UFU. É lindo ver que você pode ser a influência que faltava na vida de alguém para realizar sonhos, a influência que gira uma chavinha e que pode libertar pessoas.

REFERÊNCIAS

AREAL, Leonor. **Para uma teoria do clichê**. Lisboa, 2011.

ARROYO, Miguel. **Ofício de mestre**: imagens e auto imagens. Petrópolis, 2002.

BEZERRA DE SOUZA, Henrique. **O professor que persegue o jogo**: autonomia e emancipação na pedagogia do teatro. São Paulo: Hucitec, 2021.

CABRAL, Beatriz Ângela Vieira. **Drama como método de ensino**. São Paulo, 2012.

CONCILIO, Vicente. Instrução e criação em jogos teatrais: professor parceiro de jogo. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**, Uberlândia, v. 7, ano VII, n. 1, p. 01 – 08, 2010.

DICIO. **Página do Dicionário Online de Português**. Disponível em: <www.dicio.com.br> Acesso em: 13 de novembro de 2023.

ESEBA. **Página institucional da Escola de Educação Básica da UFU**. Disponível em: <www.eseba.ufu.br> Acesso em: 13 de novembro de 2023.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo. 1997.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. São Paulo, 2010.